ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

ENQUANTO UNS ENSINAM, OUTROS NAVEGAM: A gestão da aprendizagem em tempos digitais

Resenha

Aline Deanne Santana de Carvalho[1]

José Carlos de Miranda[2, 3]

Resenha da obra:

MARTINS, José Lauro. **Enquanto uns ensinam, outros navegam: A gestão da aprendizagem em tempos digitais.** [recurso eletrônico] / Porto Alegre: Editora FI, 2017.

Disponível em: http://www.editorafi.org/136joselauro

Recebido em: 26.04.2017. Aceito em: 23.05.2017. Publicado em: 01.07.2017

[1] Mestranda no Programa de Ensino de Ciências e Saúde da Universidade Federal do Tocantins. Formada em Biologia. Técnica administrativa em educação (assistente em administração). E-mail: alinedeanne@mail.uft.edu.br.

[2]Doutor em Ciência, Tecnologia e Inovação, pela Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro - UFRRJ. Professor da Faculdade de Ensino Superior da Amazônia Reunida - FESAR. – Email: jcarlosdemiranda@gmail.com.

[3] Endereço de contato dos autores (por correio): Sede - Av. Brasil, 1435 - Setor Alto Paraná. CEP: 68550-000. Redenção/PA, Brasil.

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

Não se ensina um pássaro preso a voar.

Introdução

O livro traz como questão primordial a investigação da gestão da aprendizagem, a qual o autor considera por si só um problema demasiadamente grande, já que até os dias atuais as relações na educação eram norteadas pela gestão de ensino. Consideramos que na gestão de ensino o professor é o centro do processo educativo e um mero transmissor de conteúdos, fato este totalmente diferente da gestão da aprendizagem, já que nesta, o aprendente é o centro do processo educativo. Sua atitude de buscar a aprendizagem é o que norteia o quanto esse aprendente irá assimilar e o professor tem o seu papel redefinido na gestão da aprendizagem como um mediador no processo educativo. O autor ainda traz uma reflexão sobre os recursos digitais. Ele afirma que é inegável que o uso das tecnologias digitais na educação possibilita maior autonomia do aprendente em relação ao professor. Dentro dessa perspectiva, os aprendentes têm maior independência com relação ao professor no processo educativo, tendo, portanto, mais atitudes que corroborem para o seu aprendizado.

A obra é um tratado do advento das tecnologias digitais e como essas tecnologias influenciam as relações dentro do processo educativo. O autor afirma que as tecnologias complexas foram possíveis graças ao acúmulo, à apropriação dos saberes e a habilidade instrumental para a produção de equipamentos e/ou estratégias que permitiram aprimorar a relação dos sujeitos com o mundo. Dentro desse contexto o autor explora o modo de vida que foi se modificando com o tempo. O próprio modo de vida capitalista contribuiu

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

para o desenvolvimento dessas tecnologias na medida em que estas produziram bens de consumo desejados para a sociedade.

I. As janelas do mundo

> *A escola deixou de ser o único lugar de legitimação do saber, pois existe uma multiplicidade de saberes que circulam por outros canais, difusos e descentralizados. Essa diversificação e difusão do saber, fora da escola, é um dos desafios mais fortes que o mundo da comunicação apresenta ao sistema educacional. (Martin Barbero)*

Neste capítulo, o autor trata da revolução da tecnologia da informação e de que forma essas tecnologias digitais modificaram e modificam a vida da sociedade. Nesse contexto, percebemos uma desconstrução dos fatores limitantes de outrora: tempo e espaço. O tempo e o espaço são largamente otimizados com o advento das tecnologias digitais. A tecnologia possibilita em sua utilização a possibilidade do "estar-junto-virtual", a "presença" na ausência. Com isso, os aprendentes têm todas as possibilidades do aprendizado, na medida em que estarão em contato com conteúdos, pessoas e o próprio ambiente de aprendizagem.

O autor termina o capítulo com a reflexão sobre as redes de aprendizagem. Nesse contexto, cita o conexionismo - um processo de criação de redes, no qual o aprendente não utiliza exclusivamente de conhecimentos próprios, mas dos conhecimentos que estão na rede da qual ele participa e, portanto, quanto melhor for a rede e a qualidade das conexões, melhor será o resultado do intercambio de conhecimento. Esse conceito descontrói o aprendizado da educação tradicional com um modelo hierarquizado e estático, ou seja, o conexionismo indica para uma maior adaptação no que diz respeito

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

as redes de aprendizagem, que conseguem se reformular a qualquer mudança de contexto.

II. Gestão da aprendizagem

> *Ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção. (Paulo Freire)*

No inicio deste capítulo o autor apresenta os conceitos norteadores da gestão da aprendizagem dizendo que a gestão da aprendizagem é constituída pelos movimentos intencionais dos sujeitos cognoscentes para promoverem as suas aprendências. Consideramos, pois, nesse sentido, que os aprendentes têm total responsabilidade em seu processo de aprendizagem, e mais, que esse aprendente deve ter atitude intrínseca pela busca desse conhecimento. O autor também traz a máxima largamente utilizada de que "aprender é vida". Nessa reflexão, percebemos o quanto processo o educativo está limitado pela transmissão de conteúdos, de forma mecanizada. A escola parece trabalhar para si mesma, o fim comum parece ser ela mesma, desconsiderando a realidade social de cada aprendente, desconsiderando também o que o aprendente já traz de conceitos e aprendizagens ao longo de sua existência. Dessa forma, não o prepara para o mundo, para a vida. O autor afirma que a escola se separou da vida.

O autor traz Vygotsky com o conceito de Zona de Desenvolvimento Próximo, conceito este que reitera que o que a criança faz hoje com a ajuda de alguém poderá fazer sozinha amanhã. O autor indica ainda que essa afirmação traz um limite entre o saber e o saber potencial. Quando tratamos de cursos online, por exemplo, o aprendente pode receber uma ajuda do professor em determinado momento do curso, porém, depois o aprendente já é capaz de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

desempenhar de forma efetiva suas atividades, sempre considerando o que o aprendente já sabe com o que ele pode aprender.

O autor cita também Paulo Freire, no que diz respeito à aprendizagem com relação ao tempo. Aprender requer tempo, e segundo o autor, esse tempo é renegado na gestão de ensino, priorizando dessa forma a memorização. Dentro desse contexto, percebemos que a aprendizagem não se dá do dia para a noite. O professor precisa e deve considerar a realidade vivida por cada aprendente, suas dificuldades e anseios. Possivelmente, cada um terá o tempo de aprendizagem diferente, e os próprios conteúdos assimilados por cada um não serão assimilados de maneira semelhante.

III. Apropriação da autonomia

> *Ninguém é autônomo primeiro para depois decidir. A autonomia vai se constituindo na experiência de várias, inúmeras decisões, que vão sendo tomadas. (Paulo Freire)*

Neste capítulo, o conceito de autonomia é amplamente discutido, e o autor afirma que a autonomia está sempre relacionada ao poder que o sujeito a exerce. Dessa forma, um processo educativo que tenha como finalidade a construção e a apropriação da autonomia, empodera o sujeito. A autonomia seria então, dentro dessa perspectiva, a motivação intrínseca do sujeito, a atitude, a proatividade, a busca pelo conhecimento sem a necessidade prioritária de um motivador externo.

Nesse contexto o autor cita Michel Foucault (1979) que escreve que, classicamente, o poder foi considerado algo que emana de uma fonte para as extremidades. Dessa forma, o autor considera que o poder concedido gera "autonomia" em uns e "obediência" em outros. O aprendente pode

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

simplesmente fazer o que foi pedido, ou pode ainda fazer mais que isso, e criar e recriar novas alternativas de aprendizado.

A obra também nos traz a reflexão sobre alguns conceitos, tais como: autorregulação, metacognição e a articulação entre eles contribuindo para a compreensão da gestão da aprendizagem. Nessa perspectiva, o autor cita Lurdes Frison (2007) ao explicar que, em um processo em que os sujeitos estabelecem metas, interagem com suas expectativas, desenvolve estratégias para alcançá-las, cria condições para que a aprendizagem se efetive. A disciplina entra como condição primordial para uma aprendizagem efetiva. O aprendente precisa planejar de forma disciplinada os passos que dará no processo de aprendizagem, e o mais importante, uma ideia de onde se quer chegar, para que a aprendizagem seja de fato efetiva e significativa. Tudo isso contribui para a apropriação de autonomia por parte do aprendente.

Sobre a metacognição, o autor diz que o processo metacognitivo é resultante das competências do sujeito e da qualidade do processo. O aprendente necessita de aprender a aprender e distinguir todas as variáveis dentro do processo de aprendizagem, entendendo este processo como um todo. O resultado da aprendizagem é também sua utilização em qualquer área da vida.

O autor afirma que as formas tradicionais de ensinar procuravam o controle sobre a informação e isso era possível posto o acesso limitado. Porém, no contexto tecnológico, com os artefatos digitais como smartfones, computadores ou tablet, que possuem uma interface intuitiva que possibilita a aprendizagem técnica autônoma, torna-se desnecessário até mesmo à leitura de manuais. O advento das tecnologias digitais traz para educação uma nova forma de pensar e fazer conhecimento, o mundo na palma das mãos torna o

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

aprendente mais autônomo dentro do processo educativo. Ali ele pode buscar informações, criar problemas, resolvê-los, pensar e ter atitude de pesquisa.

A autonomia confere ao aprendente total responsabilidade por sua aprendizagem, o professor torna-se um mediador dentro deste processo de aprendizagem; a autonomia na educação faz com que o aprendente aprenda significativamente, e use esse aprendizado em qualquer situação de suas vidas. O autor explora também ideia de aprendizagem colaborativa, em que os alunos se ajudam mutuamente.

Diz que o aprendizado não se limita a resolver o problema, mas ao que cada um aprendeu no processo. Nesta reflexão pode-se perceber que o processo é mais importante que a finalidade. O compartilhamento de ideias pelos aprendentes, uns com os outros, é enriquecedor, e contribui para um melhor nível de aprendizagem, favorecendo a reflexão sobre o que de fato é aprender.

Considerações finais

O autor, em suas considerações finais, reforça que as tecnologias digitais implicam nos processos sociais e também educativos e que o modelo tradicional de educação, centrado na figura do professor e na mera distribuição de conteúdos, precisa ser questionado e indica que os aprendentes devem ser o centro do processo educativo, tornando esse sujeito autônomo em relação ao seu processo de aprendizagem. O autor encerra suas reflexões nos desafiando a pensarmos sobre o assunto e termos uma opinião sobre o mesmo. A obra, dessa forma, nos esclarece quanto aos novos movimentos que sustentam o processo ensino-aprendizagem e nos oportuniza refletir sobre o modelo de

ISSN nº 2447-4266 Vol. 3, n. 4, Julho-Setembro. 2017

DOI: http://dx.doi.org/10.20873/uft.2447-4266.2017v3n4p645

educação atual e de como esse modelo pode evoluir, levando sempre em consideração a aprendência dos aprendentes.